



A AUTOBIOGRAFIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL NILO PEÇANHA

Vanessa Barbosa Sales^{**}

Gilmar Santos Costa^{***}

RESUMO

A autobiografia é um recurso de potencialidades simbólicas interdisciplinares. No ensino da Geografia constitui uma importante ferramenta para a abordagem de alguns conceitos como o “lugar”, a “paisagem” e o “território” que se relacionam com a identidade do educando, especialmente os educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Desta forma, com base em experiências de sala de aula, este trabalho objetivou mostrar como o professor pode trabalhar os conceitos supracitados na EJA por meio da autobiografia, bem como pode utilizar esse recurso como forma de conhecer as individualidades dos alunos que compõem esse público. Foi possível constatar que a produção orientada de texto cumpriu uma importante função no processo de aprendizagem, dando concretude aos conceitos abstratos trabalhados e estimulando a participação interativa entre os alunos.

Palavras-chaves: autoconhecimento, identidade, lugar, paisagem e território.

1- Introdução

* Graduada Licenciatura em Geografia, UNIVERSO e em Normal Superior, FAETEC. Pós-graduada em Docência do Ensino Superior e em PROEJA, IFFluminense. Professora de Geografia da Rede Estadual, SEEDUC e FAETEC. E-mail: vbsalesgeo@gmail.com.

** Graduado em Engenharia Agrônômica, UFRRJ. Mestre em Geoquímica Ambiental, UFF. Doutor em Produção Vegetal, UENF. Professor da Área de Meio Ambiente, IFFluminense *campus* Campos Guarus.

A educação de jovens e adultos (EJA) é enfatizada por Civatta e Rummert (2010) como sendo o conjunto de ações formais destinadas à elevação da escolaridade básica que, historicamente, reflete uma dualidade estrutural do modo de produção capitalista, especificamente do modelo fordista em que os conteúdos são apresentados aos alunos em geral, sem considerar suas peculiaridades e experiências de vida.

Civatta e Rummert (2010) ressaltam que considerar as experiências de vida dos educandos da EJA requer a capacidade “de compreender a experiência numa perspectiva de prospecção, de possibilidade de reflexão crítica sobre ela própria e de ampliação de seu arco de possibilidades.” É nesta perspectiva que se enquadra o trabalho com a autobiografia no ensino da Geografia no que se refere aos conceitos considerados fundamentais na disciplina (CASTRO *et al.*, 2010).

A autobiografia é definida como “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência”. Segundo Martins (2008), essa narrativa de exploração da subjetividade busca o autoconhecimento, o voltar-se para si mesmo, o mergulho no Eu, a análise das experiências vividas por um sujeito.

No ensino da Geografia a autobiografia constitui uma importante ferramenta para a abordagem de alguns conceitos como o “lugar”, a “paisagem” e o “território” que se relacionam com a identidade do educando, especialmente os educandos da EJA, sujeitos historicamente marcados por profundas desigualdades sociais características do mundo capitalista.

Conforme enfatiza Oliveira (2005), o público alvo da EJA contempla aspectos singulares nos quais o professor deve estar atento para que haja uma aprendizagem eficaz. O autor aponta a importância de uma prática pedagógica que articule os conteúdos a serem trabalhados com a realidade de vida desses aprendizes que, por sua vez, já possuem uma bagagem cultural muito ampla: trabalham, possuem relações familiares e de grupo já estabelecidas dentre outras características.

O educador que compreende a relevância de uma aprendizagem significativa e transformadora deve considerar que, em todas as modalidades de ensino, é preciso estar atento à diversidade de uma sala de aula e ao contexto de vida dos educandos. O ser humano, em qualquer idade de vida, traz uma bagagem sociocultural importante para seu processo de aprendizagem que deve ser respeitada pelo professor, em especial os jovens e adultos (FREIRE, 1996)

Ainda neste sentido, Freire (1996) aponta que o pensar certo pode ser ensinado na escola desde que as práticas docentes permitam a discussão “sobre a razão de ser dos saberes”, assim os conhecimentos construídos farão sentido e poderão ser utilizados pelos alunos como instrumentos de transformação na sociedade pelo cidadão crítico.

Nesta perspectiva, é crucial que, além do ensino dos conceitos específicos da área, o docente seja capaz de promover a construção de significados que estejam contextualizados no mundo do trabalho e orientados por uma educação emancipatória. Neste sentido, o desenvolvimento de práticas pedagógicas que tenham como base a experiência de vida do educando da EJA pode ser a ponte para a aprendizagem desses sujeitos (GARIGLIO e BURNIER, 2012).

Segundo Castro *et al.* (2010), na década de 1970, surgiu a Geografia crítica com base no materialismo histórico e na dialética, rompendo com a Geografia Tradicional e impulsionando intensos debates entre os geógrafos. Entretanto, mesmo nos dias atuais a Geografia ainda é abordada de forma tradicional por muitos professores, priorizando as descrições e a memorização em detrimento da articulação dos conteúdos com a realidade dos alunos. Contudo, diante do surgimento de novos paradigmas constata-se a grande capacidade interdisciplinar que possui a Geografia e que deve ser explorada como tal, conforme afirma Santos (1986).

O ensino da Geografia, numa abordagem crítica, é de fundamental importância para a construção da cidadania, visto que estuda as interações do homem no espaço geográfico e possibilita o despertar de uma consciência crítica em relação ao agir sobre o meio no qual estamos inseridos e a construção de um espaço mais humanizado (SANTOS, 1986). Este fator torna-se essencial, em especial, quando se trata de jovens e adultos, que estiveram à margem do sistema de ensino e precisam da inserção no espaço escolar para resgatar a condição de cidadão.

Neste sentido, faz-se necessário rever as práticas pedagógicas na Geografia e desenvolver novas metodologias de ensino, especialmente, para o público da EJA com vistas a contribuir para uma aprendizagem significativa e, sobretudo, para a permanência dos alunos na escola, uma vez que muitos dos educandos retornam à escola e, não conseguindo êxito na aprendizagem, desistem de dar continuidade aos estudos.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo sinalizar a importância de pensar novas metodologias de ensino que atendam as particularidades dos alunos Jovens e Adultos das escolas públicas da Rede Estadual com vistas a contribuir para a permanência destes discentes no espaço escolar. Assim como, mostrar que o professor de Geografia pode trabalhar os

conceitos de “lugar” “paisagem” e “território” na EJA por meio da autobiografia, permitindo a integração entre os alunos num espaço de diálogo sobre suas histórias de vida.

1- Metodologia

O Colégio Estadual Nilo Peçanha é uma das escolas do estado do Rio de Janeiro mais tradicionais na oferta de ensino ao público da EJA, localiza-se na região central do município de Campos dos Goytacazes (RJ), na Rua Lacerda Sobrinho, número 119, próximo ao terminal rodoviário Roberto Silveira. Essa localização atua facilitando o acesso à escola e o retorno à residência de muitos jovens e adultos que trabalham durante o dia nos arredores do centro da cidade e ao final do expediente se direcionam para a escola para tentar reingressar na vida escolar.

Os alunos do presente estudo cursavam a Nova EJA (NEJA), esta modalidade é ofertada nas escolas públicas da rede estadual (RJ), organizada em quatro módulos de estudo para o educando do Ensino Médio. Cada módulo possui seis meses de duração e conta com um material didático específico, segundo informa o portal do professor no site da secretaria estadual de educação.

Este trabalho foi realizado no primeiro bimestre do ano de 2015, com base em revisões bibliográficas e a partir de experiências em sala de aula com a turma de módulo I da NEJA do Colégio Estadual Nilo Peçanha (RJ). Os referidos conceitos da disciplina foram abordados por meio de uma produção textual orientada de caráter subjetivo (autobiografia), levando em consideração as especificidades desse público.

3 – Resultados e discussão

O processo da produção de texto foi orientado em sala de aula onde ocorreu a elaboração, bem como foi antecedido de diálogos em que os alunos puderam compartilhar experiências vivenciadas no espaço de construção de suas identidades e interagir a partir dos temas propostos. Para Freire (1996), essa relação dialógica é de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem dos jovens e adultos, uma vez que a construção da autonomia desses educandos requer a compreensão crítica da realidade e a consciência da historicidade de suas ações.

Segundo Freire (1986), a educação é indissociável da política e, portanto, a prática docente é um veículo de ideologia. Assim, deve ser pensada e trabalhada para que não reproduza os interesses das classes dominantes e os moldes da educação bancária. O autor enfatiza a necessidade de o educador possuir uma ética universal com a qual seja capaz de reconhecer seu aluno como um sujeito histórico e social em desenvolvimento, que traz consigo uma bagagem de conhecimentos que não podem ser desconsiderados no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Freire (1986), é responsabilidade do educador democrático criar condições para que o aluno desenvolva sua criticidade com rigor metodológico, uma vez que assim será aguçado o gosto pela pesquisa, o senso investigativo e a curiosidade do aluno. Por outro lado, o professor deve ter a capacidade de perceber e reconhecer o valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição no processo educativo.

Por fazer parte do meio no qual estamos inseridos, a Geografia é uma forma de saber muito presente no cotidiano das pessoas e pode ser, realmente, sentida. Isto decorre da presença dos mapas, do contato com as paisagens, e, em especial, das práticas espaciais e sociais, isto é, do “fato de que todo dia fazemos nosso percurso geográfico, de casa para o trabalho, do trabalho para a escola, da escola para o trabalho, pondo a geografia na própria intimidade das nossas condições de existência” (MOREIRA, 2010).

A partir das características supracitadas é que se torna possível trabalhar os conceitos de lugar, paisagem e território no contexto do espaço geográfico no ensino de Geografia. Considerando o espaço como importante categoria de análise para a compreensão das dinâmicas socioespaciais, Santos (1996) assinala que o espaço é definido como um conjunto de objetos e ações construídos pelo homem e que não podem ser desintegrados e pensados separadamente. Neste sentido, o autor explica que:

“(…) Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade. (...) A ação é subordinada a normas, escritas ou não, formais ou informais (...). A noção de atuação liga se diretamente à ideia de práxis e as práticas são atos regularizados, rotinas ou quase rotinas que participam da produção de uma ordem.”(SANTOS 1996 p.75)

Segundo Corrêa (1995), o espaço geográfico, dentre as diversas formas como é concebido, possui uma multidimensionalidade constituída por diferentes práticas sociais, é a

morada do Homem. É nesse espaço geográfico que estão imbricados os conceitos de lugar, paisagem e território, tão relevantes na disciplina de Geografia.

Neste sentido, Augé (1994) considera que é no espaço antropológico que se dá o processo de criação de identidades e as relações interpessoais estabelecidas no tempo. O espaço possui sentido para aqueles que o habitam, é relacional, identitário e histórico.

Nesta perspectiva, o conceito de lugar aborda a relação direta entre o espaço vivido e a existência do indivíduo enquanto ser social (FANI, 2007). Portanto, o trabalho com o referido conceito tem como base os espaços que são familiares aos alunos no decorrer da construção de suas identidades, estando relacionado com o ato de brincar, de morar, bem como com as relações de vizinhança estabelecidas na vida que se passa sobre o lugar, conforme mostra a figura 1.

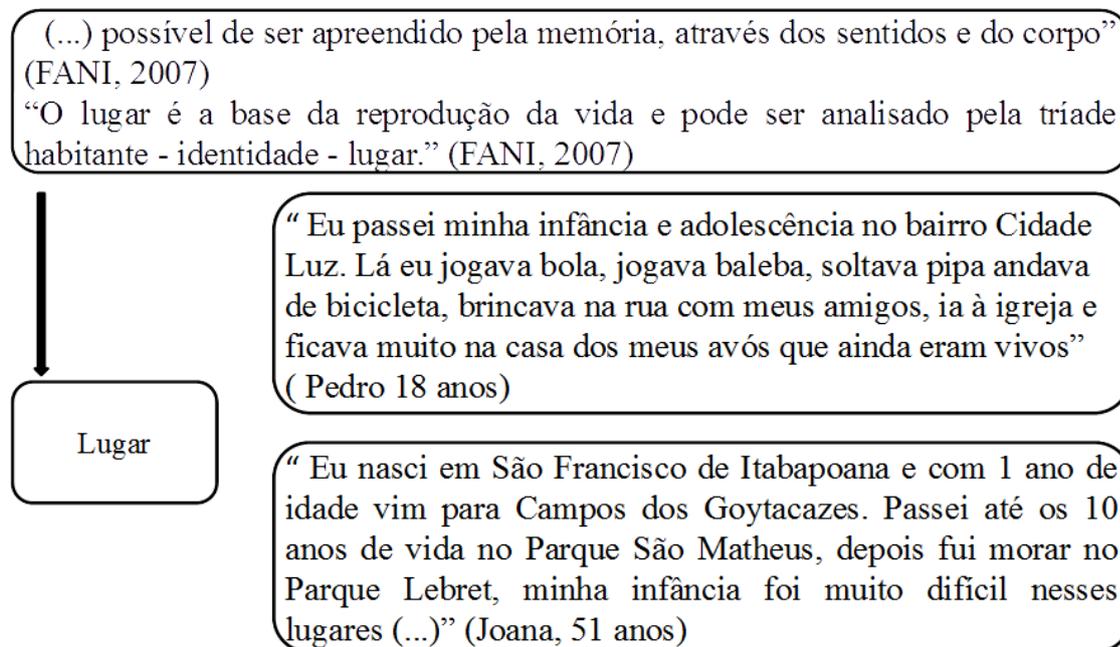


Figura 1 – Desenvolvimento do conceito de lugar a partir da vivência dos alunos da NEJA Colégio Estadual Nilo Peçanha

Segundo Santos (1988), a paisagem é um produto da sociedade espacializada a partir das relações sociais e entrelaçada com o espaço. “O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade”. Para esse autor, a percepção de cada um interfere diretamente na dimensão da paisagem e na maneira como é compreendida, mas de forma geral, a paisagem pode ser definida no domínio daquilo que é visível no espaço geográfico.

Na produção textual direcionada os alunos foram orientados a buscar memórias das paisagens onde brincaram e viveram no decorrer de suas vidas. Desta maneira, os relatos

ênfatizam os elementos mais marcantes, visualizados e que ficaram na memória. Neste sentido, o conceito de paisagem, apesar de estar baseado nos elementos que são visíveis no espaço, se cruza com o conceito de lugar, mostrando que ambos estão conectados por meio da história de vida do aluno enquanto ser social.

Neste contexto, é importante ressaltar que a paisagem não é estática no tempo e no espaço, ela sofre alterações quanto a sua forma e conteúdo à medida que as ações antrópicas se estabelecem, seja agregando elementos ou retirando outros.

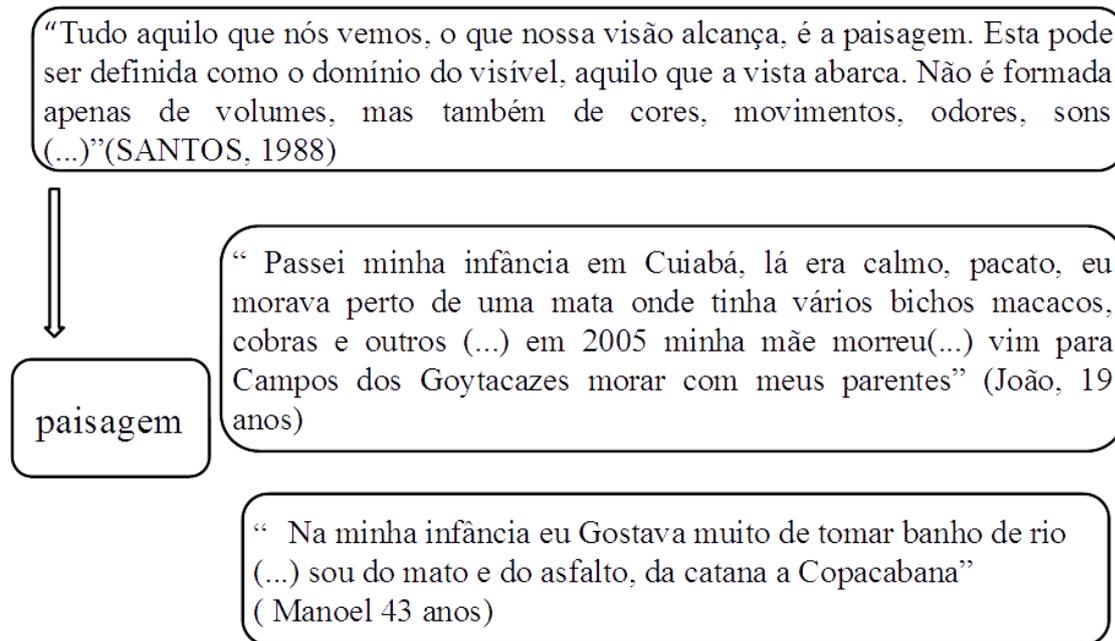


Figura 2- Desenvolvimento do conceito de paisagem a partir da vivência dos alunos da NEJA Colégio Estadual Nilo Peçanha

Na autobiografia dos alunos foram identificados trechos que, claramente, fazem referência a compreensão da paisagem por meio da descrição dos elementos que a compõe, sobretudo, pelo modo particular como cada um dimensiona tais elementos, conforme mostrado na figura 2.

O território pode ser concebido como o Estado Nação ou como uma área de influência de determinado grupo, geralmente, ligados a questão do tráfico de drogas. De acordo com Souza (1995), existe estreita relação entre identidade de um grupo social e o lugar de vivência, que por sua vez, influencia nas relações de poder e na disputa por territórios. Segundo o autor, os territórios são construídos e desconstruídos nas mais diversas escalas de tempo e espaço; desde uma rua até um conjunto de países, de caráter permanente ou periódico.

No relato da figura 3 é possível observar que ambas as percepções a cerca desse conceito aparecem na forma de compreender o território no qual se inserem. A aluna Ana faz referência à situação de vulnerabilidade na qual vive com seus filhos numa área dominada pelo tráfico de drogas, enquanto na fala de Isabel identificamos o sentido de território sob a ótica da nação. No relato desta aluna é perceptível a sensação de pertencimento ao espaço nacional.

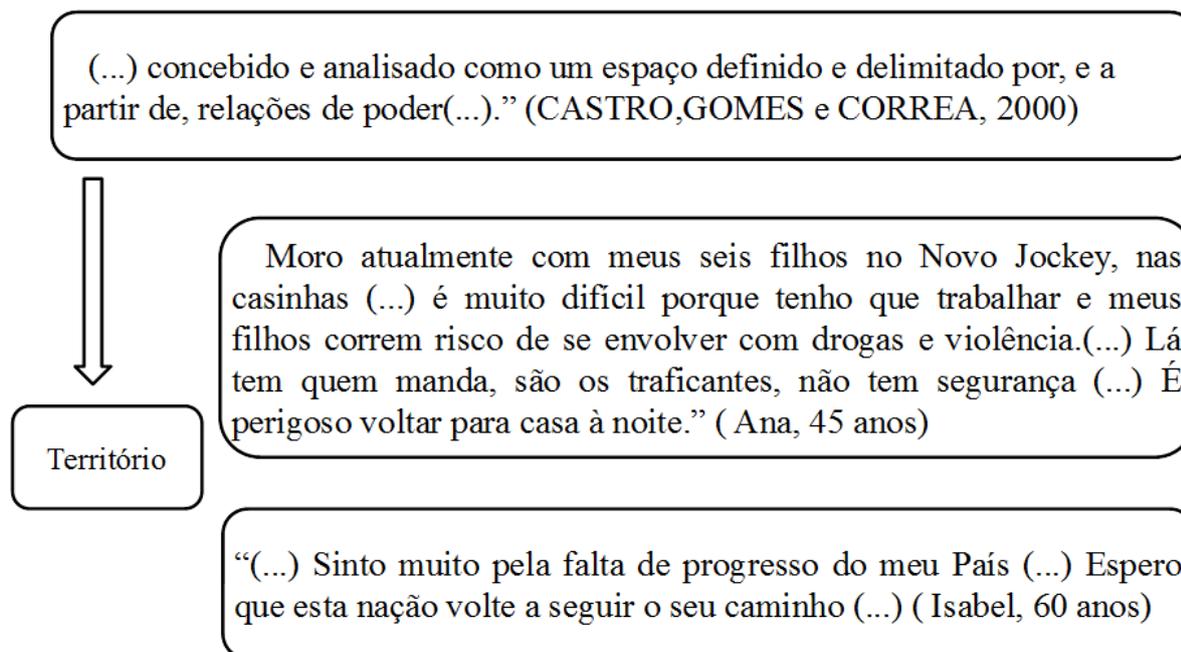


Figura 3 - Desenvolvimento do conceito de território a partir da vivência dos alunos da NEJA Colégio Estadual Nilo Peçanha

A diversidade de faixa etária dos alunos da NEJA é um fator que chama a atenção para uma gama de possibilidades favoráveis ao trabalho do professor. Isso devido às variadas experiências de vida que esses alunos possuem em diferentes contextos e que podem ser compartilhadas no espaço da sala de aula.

Neste sentido, por mais que as condições de trabalho do professor da escola pública não contribuam para o processo de ensino aprendizagem, como ocorre na educação pública, geralmente, devido à falta de infraestrutura, é possível fazer um trabalho consistente utilizando como base a própria vivência dos educandos.

No contexto do ensino de Geografia, essa é apenas uma pequena demonstração de como é viável articular as entrelinhas desses conteúdos da disciplina com a realidade vivida pelos alunos. Muitos são os conteúdos que podem ser abordados a partir dessa estratégia,

assim como diversas são as disciplinas que devem lançar mão desse recurso transdisciplinar em prol de um ensino que faça sentido na vida desses alunos que retornam à escola.

4 – Considerações finais

O ambiente de aprendizagem de jovens e adultos necessita de um espaço constante de diálogo, visto que este permite o surgimento da dúvida, a evidência da curiosidade e a interação entre as experiências de vida, questionamentos e respostas, configurando um espaço solidário. Quanto mais solidariedade exista entre educador e educandos numa sala de aula, mais possibilidades de aprendizagem se abrem na escola. Essa é a realidade que demonstra uma prática docente democrática com respeito à dignidade e a construção da autonomia dos educandos, cidadãos em busca de um processo de emancipação.

As práticas pedagógicas vinculadas à realidade de vida dos alunos possuem aplicabilidade para o cotidiano e caracteriza uma educação para a transformação de uma realidade social, portanto é essencial que os conhecimentos e os saberes que os alunos trazem do contexto em que vivem sejam respeitados e referenciados como degraus que servirão como a base para alcançar patamares mais elevados.

No presente estudo foi possível constatar que a produção orientada de texto cumpriu uma importante função no processo de aprendizagem, dando concretude aos conceitos abstratos trabalhados por meio do caráter subjetivo da autobiografia, que por sua vez, permitiu a busca de memórias de experiências vivenciadas pelos alunos em suas histórias de vida.

A mediação do professor por meio do diálogo, seguido da autobiografia, promoveu uma proximidade maior e um melhor conhecimento das individualidades. Neste cenário, os alunos se sentiram motivados a participar dos momentos de interação, possibilitando ir além do trabalho com os referidos conceitos, visto que o compartilhamento de experiências de vida promoveu um importante espaço de solidariedade na sala de aula, de forma que o auxílio mútuo e a preocupação com o outro se tornou um comportamento visível e comum durante as aulas.

A autobiografia constitui um recurso de potencialidades interdisciplinares podendo ser utilizado para promover a interação entre professor e alunos, bem como para a abordagem de conteúdos, tanto na disciplina de Geografia como também em outras áreas do conhecimento da EJA e em outras modalidades de ensino.

5 – Referências

- AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. 1º ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CASTRO, Iná E. C; GOMES, Paulo Cesar da C; CORREA, Roberto L. *Geografia: Conceitos e temas*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CIAVATTA, M.; RUMMERT, S. M. As implicações políticas e pedagógicas do currículo na Educação de jovens e adultos integradas à formação profissional. *Ver. Educ. Soc.* São Paulo, Campinas, v.31, n. 111 , p. 461-480, abr.-jun. 2010
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARIGLIO, J. A.; BURNIER, S. Saberes da docência na educação profissional e tecnológica: um estudo sobre o olhar dos professores. *Educ. rev.* vol.28, n.1, Belo Horizonte, Mar. 2012.
- MARTINS, Anna Faedrich. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 43, n. 4, out./dez. 2008.
- MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: *Educação como exercício de diversidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- _____. *Metamorfozes do Espaço Habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. Hucitec. São Paulo, 1988.
- _____. *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.
- <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br>. Acesso em: 25 de ago. 2015.